



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

## **CIDADE É MEMÓRIA: UM PASSEIO PELA URBE NO “POEMA DA FEIRA DE SANTANA” DE GODOFREDO FILHO**

**Cristiane Tavares Santos Melo (UEFS)<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Apesar de possuir uma sintonia diferenciada com os tempos modernos, se comparada aos estados da Região Sudeste, a literatura baiana também vai privilegiar a cidade, símbolo da modernidade e do imaginário do poeta moderno. Godofredo Filho, considerado por muitos críticos como precursor do modernismo na Bahia, explora aspectos da vida urbana em sua lírica. O poeta dedicou obras e poesias a algumas cidades como Salvador - BA, Feira de Santana - BA e Ouro Preto MG. Não obstante à vasta produção do autor, neste trabalho, faremos apenas o estudo do “Poema da Feira de Santana”, escrito em Salvador, no mês de março de 1926 e publicado em 1977. Neste poema, o eu lírico esboça o mapa da cidade de Feira de Santana, no passado, misturando poesia e narrativa memorialistas, que alternam entre as imagens de valorização e transformação da cidade, suas desilusões, degradações, saudosismo e memórias poéticas sobre a infância, a família e a vida. As imagens criadas alegorizam-se para falar de si, delineando a relação entre o poeta e a cidade. Nosso objetivo, portanto, será pensar sobre a temática da cidade, como um dos elementos da modernidade, presente no referido poema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade; Godofredo Filho; Modernidade; Poema.

**ABSTRACT:** Still has a congruence with modern times, if compared with states of Southeast Region the Bahia's literature also will privilege the city, symbol of modernity and of modern poet's imaginary. Godofredo Filho, considered for many critics as pioneer of modernism in Bahia, explores aspects of urban life in its lyric. The poet dedicated works and poems to some cities like Salvador-BA, Feira de Santana-BA and Ouro Preto-MG. Do not nevertheless to wide author's production, in this work, we will make only the review of “Poema da Feira de Santana”, written in Salvador, in March of 1926 and published in 1977. In this poem, the lyrical I outlines the Feira de Santana's mape, in the past, mixing poem and memoirists narratives, that alternate amongst the images of valuation and city transformation, his disappointments, degradations, homesickness and poetic memories about his childhood, family and life. The images created allegorize for tell about himself, outlining the relationship between poet and the city. Our objective, wherefore, will be think about city's thematic, as elements of modernity, in that poem.

**KEYWORDS:** City; Godofredo Filho; Modernity, poem.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, Especialista em Estudos Literários pela UEFS, mestranda do curso de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural (PPGLDC) da UEFS e membro do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos da UEFS. O presente artigo foi elaborado sob a orientação do professor Doutor Adeíto Manoel Pinho, prof. Adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Feira de Santana- BA; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural 2012/2014 e Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural/PPGLDC.



A temática da cidade afirmou-se enquanto signo da vida moderna na literatura, principalmente no século XIX, com a poesia urbana de Baudelaire e Walt Whitman que deram maior visibilidade a esse espaço cultural, contribuindo para que este se tornasse o símbolo representativo da modernidade no século XX. Contudo, de acordo com Aleilton Fonseca, a trajetória da relação entre poeta e cidade é norteadada por conflitos que caminham junto com a inserção da poesia no contexto social. Ao discutir sobre a polêmica trajetória do lugar do poeta, Fonseca afirma que, desde a Antiguidade clássica, sua história é marcada pela negação de sua imagem e do seu lugar na sociedade. Isso se deu, primeiramente, pelo fato da tradição clássica concebê-lo como um imitador, que prejudicava a compreensão da verdadeira ideia sobre as coisas. Sendo assim, o poeta deveria ficar à margem das “coisas sérias da cidade” (Fonseca, 2002, p. 43).

Somente depois do desenvolvimento das noções de verossimilhança e de catarse, realizado por Aristóteles, é devolvido ao poeta o seu lugar na cidade. A partir de então, a poesia é inserida na sociedade e considerada como um discurso legitimado, passando a representar a realidade de maneira verossímil. Em contrapartida, ainda em consonância com Fonseca (2002, p. 44), vemos que a definição do poeta, nas sociedades modernas, retoma a condição de deslocamento do contexto urbano, posto que ele não se insere na lógica produtiva de bens para o mercado da conjuntura moderna. Dessa forma, apesar da tradição do discurso poético subsistir, este não consegue estabelecer uma relação clara com o todo social.

É em meio a esse sentimento de “deslocamento”, provocado pelas barreiras ideológicas da conjuntura moderna, que os poetas de vanguarda começam a focar o seu processo criativo nas imagens da cidade. Conscientes da sua condição de deslocamento, reagem criticamente aos padrões pré-estabelecidos e buscam uma nova inserção no mundo. Por esse motivo, a cidade passa a ser um dos materiais privilegiados da poesia moderna:

Esta entrega, no entanto, está longe de ser ingênua e não pode ser vista como uma abdicação do olhar sobre a engrenagem do mundo. [...] Eles percebem que, nesse processo, a cidade é tomada por forças supra-humanas, geradas e engrenadas pelo próprio homem, e transforma-se automaticamente em função de si mesma, mais que em função do seu criador e suas verdadeiras necessidades (Fonseca, 2002, p. 48).



O nascimento das metrópoles modernas, promovido pela revolução tecnológica, no século XIX, trouxe mudanças significativas para o panorama das artes. A poesia moderna, dessa maneira, refletirá também as novas formas de organização social e humana ocasionadas pelos grandes complexos industriais e os novos recursos utilizados nesse processo, como a eletricidade, os transportes públicos urbanos e os meios de comunicação. Sendo assim, o fazer poético se encarrega de tematizar a complexidade e a atmosfera de mudanças que permeiam as cidades em meio a sofisticação originada pelos processos de urbanização e industrialização por qual passam os centros urbanos, como discorre Sevcenko:

A poesia moderna consegue exprimir simultaneamente o esgarçamento da linguagem, a mecanização, a padronização e planejamento cronométrico da vida e do cotidiano, a relativização dos sentidos, o achatamento do passado e o esvaziamento do futuro [...] Em suma, a lírica moderna exprime as condições intrínsecas do mundo tecnificado no que elas têm de opressivo ou promissor, indiferentemente, já que essas tendências são nele inseparáveis, intercambiáveis, não mais fazendo sentido imaginá-las em estado isolado ou puro. (SEVCENKO, 1994, p. 64)

Dessa forma, a poesia moderna nasce na cidade, a fim de construir o sentido de sua existência em meio às transformações que se instalam nos cenários urbanos, tomando como ponto de partida as imagens representativas dos valores negativos e afirmativos da vida hodierna. De um lado, temos a crítica pessimista aos valores dessa nova conjuntura; do outro, a apresentação de uma perspectiva otimista, representada pelo culto às máquinas, à velocidade e ao progresso:

A cidade toma de assalto o imaginário do escritor moderno, obrigando-o a posicionar-se. Imagens eufóricas e disfóricas emergem nas formas de representação da urbe, luzes e trevas alternam-se como metáforas de seus componentes. O escritor moderno hesita, dividido, empolgado e temeroso, recolocando em cena o conflito entre passado e futuro, campo e cidade, confrontando imagens de um mundo arcaico e de um mundo moderno, ressaltando um debate, antigo como o próprio homem, entre natureza e cultura. (Olivieri-Godet, 1999, p. 18)

Segundo Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 35), “A grande cidade se converte em depositária de todas as paixões. As diversas linguagens e aspirações artísticas e ideológicas medem-se por sua relação com o metropolitano.” Nesse contexto, o artista assume a posição de tentar compreender e representar o espírito e o cenário de sua época, apresentando assim as mudanças urbanas trazidas pela modernidade.



No Brasil, a encenação poética da cidade na literatura tem como marco a publicação da obra *Paulicéia Desvairada*, primeiro livro modernista de Mário de Andrade, o qual tem a cidade de São Paulo como inspiração. Para Fonseca (2001, p. 239), Mário de Andrade “é um fundador visionário do discurso lírico sobre a vida urbana, pois prevê e projeta em imagens poéticas o turbilhão em que a cidade vai se transformar definitivamente algumas décadas mais tarde”.

No estado da Bahia, embora o Modernismo tenha chegado tardiamente, somente em 1930 – o que, para alguns críticos, justifica o fato da literatura produzida neste local tenha ficado à margem do sentimento expressado pela arte moderna em outras capitais, como em São Paulo, por exemplo - um grupo de poetas baianos, formado por Eurico Alves, Godofredo Filho, Carvalho Filho e Hélio Simões, já utilizava, em sua poesia, alguns princípios estéticos defendidos pela geração de 22.

Isso significa dizer que, apesar desse ter ficado de fora do projeto político e ideológico do Modernismo, pintado pela Semana de 22, encabeçado pela geração paulista, não houve renovação somente no centro. Provavelmente, muitos artistas tenham ficado de fora do cânone literário por terem remado contra todas as estratégias de celebração dos modernistas, ou simplesmente porque não participavam dos círculos de poder e da entrelaçada rede de interesses, protecionismos e influencias que o rodeavam.

Conforme Teixeira Gomes (1979), as ideias de 22 e o ciclo do Modernismo na Bahia possuem quatro fases distintas que, apesar de se diferenciarem da expressividade do movimento em outros estados do país, buscavam também assimilar suas características. Com isso, vemos que apesar de ser negado o seu lugar no cânone modernista, os grupos que constituíram todos os momentos da literatura moderna baiana mantinham calcinado o objetivo de produzir uma literatura atualizada com a linha de vanguarda e renovação, divulgada pela elite intelectual paulista. Gomes dá destaque à independência dos artistas Godofredo filho, Carvalho Filho e Eugênio Gomes por possuírem uma produção que já se aventurava a empregar os valores estéticos do modernismo, mesmo antes deste ser implantado oficialmente na Bahia.

Desse modo, apesar de possuir uma sintonia diferenciada com os tempos modernos, se comparada aos estados da Região Sudeste, a literatura baiana também vai privilegiar a vida urbana, símbolo da modernidade e do imaginário do poeta moderno. Para tanto, elege



variados temas e formas de representação ligadas a ela. A produção poética dos dois grandes nomes da poesia moderna baiana - Eurico Alves e Godofredo Filho - exploram aspectos da vida urbana que ora se assemelham, ora se distinguem. Nas composições do primeiro, por exemplo, a matéria de seus versos remete à representação da realidade e das contradições do universo urbano, e ainda à simplicidade da cidade interiorana, ambas representadas por elementos diversos. Já a poesia de Godofredo Filho, sobre a vida urbana, alterna entre as imagens de valorização e transformação da cidade, suas desilusões, degradações, saudosismo e memórias poéticas sobre a infância, a família e a vida.

Apesar da vasta produção do poeta Godofredo Filho, neste trabalho, faremos apenas o estudo do “Poema da Férias de Santana”, escrito em Salvador, no mês de março de 1926 e publicado em 1977. Nosso objetivo, portanto, será pensar sobre a temática da cidade como um dos elementos da modernidade presente no poema.

O poeta feirense Godofredo Filho, nascido em 26 de abril de 1904, é considerado por muitos críticos como precursor do modernismo na Bahia. Ficou conhecido como homem do patrimônio devido a sua ocupação no cargo de 2º chefe do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN. Assumia um posicionamento contra a destruição do passado colonial, deixado pelos colonizadores, em nome dos ideais da modernidade. Para ele, era possível modernizar e, ao mesmo tempo, preservar as riquezas históricas da cidade.

Sobre o poeta, Jerusa Pires diz que há nele

uma depuração ou exaltação alquímica do macabro, a organização do desconcerto buscando um caos salvador, uma liga, de que se conhecem e arrumam os elementos e em que se manipulam vocábulos raros como se poderia manipular o simbolismo das cores operacionais. [...] É preciso conhecê-lo para avaliar a sua altitude transfiguradora, a sua grandeza de construtor-destruidor (princípio mecânico que rege a arte e a consciência de uma Modernidade). (In: GODOFREDO FILHO, 1986, p. 236).

Grande defensor do patrimônio público, o poeta dedicou crônicas e poesias à cidade de Salvador, exaltando seus aspectos físicos e culturais. Em artigo “As Bahias de Godofredo Filho” (2005), Mônica de Menezes Santos ressalta a importância da produção de Godofredo Filho para a constituição das narrativas que integram o imaginário sobre a cidade de Salvador e afirma que a poesia do autor apresenta aspectos ambivalentes em relação à cidade, cantada como alegre, mística e sensual, ou mesmo como triste, perigosa, pobre e rejeitada. A primeira



vertente dessa dicotomia se refere à cidade das negras do Acarajé, do carnaval e da cultura afro; já a outra, diz respeito ao universo dos cortiços, das invasões e das favelas.

Além de cantar a “Cidade da Bahia”, Godofredo Filho também dedicou sua poética a outras cidades, como Ouro Preto, Minas Gerais; e Feira de Santana, Bahia, sua cidade natal, nos respectivos poemas “Ouro Preto” (1928) e “Poema da Feria de Santana” (1926).

O caráter inovador da poesia de Godofredo Filho está expresso também na liberdade formal utilizada na composição de sua lírica. Notamos, no poema em estudo, vários elementos formais que se encontram em consonância com os ideais estéticos vanguardistas, saudados pelos modernistas brasileiros, como o caráter prosaico de sua poética, e também alguns pontos de aproximação com subsídios do Cubismo e Futurismo, sejam através da ausência de pontuação nas suas composições ou da superposição de informações fragmentadas, por meio dos versos telegráficos, e da utilização dos versos brancos e livres. Todos estes aspectos conferem dinamismo e velocidade aos seus versos.

Em “Poema da Feira de Santana”, Godofredo Filho esboça o mapa de Feira de Santana, no passado, misturando a poesia e a narrativa memorialista. As imagens criadas se alegorizam para falar de si, delineando a relação entre o poeta e o espaço urbano. Inicialmente, temos um rápido esboço da principal atividade comercial da cidade: a feira de gado, surgida desde o século XIX, quando o próspero comércio de gado começa a se consolidar no local:

Feira de Sant’ Ana do grande comércio de gado  
nos dias poeirentos batidos de sol compridos  
Feira de Santa’ Ana  
Das segundas feiras de agitações mercenárias  
correrias de vaqueiros encourados  
tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes  
barracas esbranquiçadas à luz  
e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas  
de bois do Piauí de Minas do Sertão brabo  
até de Goiás

Em seguida, continuando seu percurso lírico pela cidade, traz alguns vultos históricos, a partir da lembrança do passado aristocrático da sua família e da participação de seus antepassados na lógica na atividade comercial descrita anteriormente:

(meu bisavô Zé carneiro era o bicho em negócio e gado



meus parentes todos ricos que hospedaram o Imperador  
quando ele foi à Feira ver a feira  
seu pedreira  
meu tio Cerqueira)

A cidade é descrita como um lugar tranquilo, agradável, ideal para se viver. A descrição do “céu muito azul”, da “cidade clara do clima generoso, elixir da alegria”, possuidora de um ar que acalma a tosse dos tuberculosos e das manhãs luminosas, nos remete à premissa do “lócus amoenos”, um dos tópicos da literatura clássica. Percebemos que existe aí uma legitimação do estilo de vida acalmado, comumente associados às cidades interioranas, em detrimento da agitação e superficialidade das grandes metrópoles.

O eu lírico percorre o mapa da cidade evocando as lembranças afetivas do cotidiano da cidade, das imagens da infância, das brincadeiras nas ruas da cidade, nas casas de tios e parentes, vizinhos e do evento inesquecível do primeiro beijo:

ali eu tive tudo  
meus cinco anos  
meus brinquedos todos  
o automovinho que papai trouxe quando veio na Bahia

a roça de meu avô com os carneiros as cabras os tanques  
[...]

meus tios engraçados  
casa da Rua Senhor dos Passos da minha meninice  
que fontes eu cavei nos fundo do teu quintal  
[...]

também a casa da minha tia pombinha com corredor escuro  
lá eu morei  
a vizinha era D. Olívia professora  
o sobrinho dela Genaro  
tinha um outro que esqueci do nome  
[...]

minhas primas filhas de meu tio que eu tinha medo dele  
deslumbramento do meu primeiro beijo escondido  
gostinho quente da primeira namorada  
prima

foi numa volta de picula  
você lembra?

Godofredo Filho descreve a cidade cruzando temporalidades, através de um tom confessional, que se confunde com suas memórias sobre episódios ocorridos no lugar. O poeta evoca um passado que já não existe mais, devido às transformações ocorridas por conta do curso natural da vida, bem como das mudanças advindas da transformação da paisagem



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

urbana. Após invocar a Feira de Santana de suas reminiscências, mostrando-a como um espaço lúdico e, ao mesmo tempo, fazendo vir à tona alguns aspectos culturais e sociais da sociedade feirense do tempo saudoso, o poeta desenha rapidamente a Feira de Santana do momento da escrita do poema e traz os ícones modernos que se fazem presentes nessa nova paisagem e que contribuem para a configuração de uma nova cidade:

Feira de Sant'ana  
a de hoje tão diferente  
também é boa  
riscadinha de eletricidade  
torcida esticada retesada de fios aéreos longos  
Fords estabanados raquícos  
levando no bojo viajantes de xarque

ó Fords arados desvirginadores de sertão

Apesar da cidade não possuir os mesmos contornos e as mesmas imagens que estão em sua memória, já que a presença dos símbolos da modernidade, como a eletricidade e a chegada dos automóveis mudarem a paisagem local, a urbanização não incomoda a sensibilidade do eu - lírico e este não apresenta o moderno com olhos de desencanto. A forte sensibilidade do poeta foi descrita por Teixeira Gomes, que assevera:

Godofredo Filho é uma alta e poderosa voz tão à vontade na celebração de temas apreendidos no quotidiano quanto na elaboração de uma poesia formalmente nobre – mas daquela nobreza que é o reflexo harmonioso da forma posta a serviço de uma sensibilidade rara. (GOMES, 1979, p. 178)

A Feira de Santana é o cenário de acontecimentos afetivos e familiares que marcaram a trajetória de vida do eu lírico. Ele discorre sobre acontecimentos vividos que lhes trouxeram alegria, dor, experiência, descobertas, encantamento, mas que não se esgotaram com o passar do tempo, pois assim como diz Benjamin diz “(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1993, p.37). Dessa forma, esboça o desejo de estar e dormir eternamente em sua cidade natal, como expressa nos versos abaixo:

horizontes da minha terra que me educaram



Ainda quero ser limitados por eles

minha terra boa boa  
minha terra minha  
É lá que eu quero dormir ao acalento daquele céu tão manso  
dormir o meu grande sono sem felicidade ou tortura de  
sonho

Godofredo Filho escreve sobre o contraste da sua cidade de ontem e de hoje, dialogando constantemente com o eu e com outras vozes que aparecem no texto. Esta atitude é também uma característica da modernidade do autor, pois segundo Hyde (1989, p. 279) é uma particularidade da poesia moderna dialogar tanto com o eu quanto com o outro. Sua fórmula se assemelha com o tom da poética de Manuel Bandeira que também transforma a cidade em matéria de memória, remetendo-se com frequência à infância, à personagens mortos, num movimento que atravessa o passado e presente.

O poeta vale-se da memória lírica para falar da cidade e canta um passado que ainda não está inserido totalmente na vida urbana/metropolitana. Em relação a este aspecto, difere-se dos contornos realizados por poetas como Drummond, Oswald de Andrade e Ferreira Gullar, por exemplo, que promovem, em alguns de seus poemas, certa exaltação da vida urbana.

Depois de apresentar o contraste entre as duas Feiras de Santana, o poeta retoma à narrativa as memórias de um tempo que ele diz ser “morto”, mas que é impossível de ser esquecido. São pessoas, sensações, imagens, acontecimentos bons e ruins que constituem e fazem parte da história de suas fases de desenvolvimento, primeiro da infância, passando pela juventude até a fase madura do eu lírico.

O cenário da cidade de Feira de Santana é o espaço onde se encenam as narrativas dos indivíduos que compõe a história e o cotidiano simples do lugar. São figuras importantes que fazem parte da memória e do espaço poético vivenciado pelo eu lírico. Assim como é comum ocorrer na poesia moderna brasileira que se volta para a cidade, o lugar do testemunho poético nesse poema de Godofredo Filho “[...] não está na topografia da paisagem urbana, mas na própria vida da cidade” (LEITE, 1994, p. 285). Percebemos que o autor opta por apresentar uma visão mais sentimental e histórica da cidade, mesmo diante da emergência de signos que configuram um novo tempo. O seu passado histórico, contudo, como vimos, não representa um fechamento no tempo, pois está aberto à inserção de novos signos.



Em alguns momentos, a cidade perde força para memória, pois ela só existe, da maneira como é descrita, na imaginação poética do eu lírico. Além da cidade, ele evoca, sobretudo, toda uma atmosfera e sociologia que precisa ser preservada. Quando o eu lírico se refere ao tempo em que viveu em Feira de Santana como um “tempo morto”, percebemos que apesar de não haver lugar para o passado na nova geografia da cidade, este não precisa ser destruído por conta disso. Dessa forma, Godofredo Filho discute a ideia de que para que uma cidade se modernize não é necessário que se destrua a memória do lugar, ou seja, as recordações aludidas no poema resguardam um conjunto de experiências que são fruto do desgaste natural ocorrido com a passagem do tempo.

Em estudo sobre a presença da narrativa histórica no “Poema da Feira de Santana”, Oliveira ressalta a importância da memória como elemento identitário para a construção do poema, bem como a presença de outras matérias presentes no tecido da composição:

O espaço reconstruído na narrativa poética insere-se assim na memória local enquanto um elemento identitário, fornecendo os materiais simbólicos com os quais deveriam ser produzidos novos textos sobre a cidade, criando sensibilidades a partir das quais são formados os olhares sobre o território. GF elabora, com a recuperação dos discursos narrativos tradicionais e a alimentação do seu texto com outras formas de comunicação, um texto seminal que, por sua vez, funda um falar sobre Feira de Santana, institui uma memória acerca de como interpretar esta cidade. (OLIVEIRA, 2001, p. 15)

Nesse poema, há vestígios da preocupação do autor com a cidade de Feira de Santana como um patrimônio cultural. Percebemos também que o eu lírico se esforça para mostrar que a ideia de progresso vendida pelos movimentos vanguardistas e pela nova conjuntura do século XIX não suplanta a importância do passado, por isso a necessidade de ser preservar a memória histórica, afetiva e cultural da cidade. Além de apontar costumes e comportamentos de uma época, o poema aqui analisado traz informações do arquivo pessoal do autor, fazendo com que cidade e poeta sejam unidos pelas memórias poéticas.



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos acima, o modernismo, na Bahia, teve uma conotação diferente do movimento artístico desenvolvido nos centros Sul e Sudeste. Isto se deve, entre outros aspectos, ao fato da proposta modernista importada dessas regiões ter sido muito agressiva para o estado baiano, uma vez que este ainda vivenciava um ambiente cultural marcado por uma tradição sólida, apoiada pela condição de ter sediado a primeira capital, cidade mais antiga do país, e ser o berço cultural de talentos incontestáveis como Antonio Vieira, Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Vicente do Salvador, Nuno Marques Pereira, Castro Alves, Ruy Barbosa e outros.

O desejo de preservar a memória desta tradição literária colaborou para que os escritores baianos não conseguissem defender o caráter anárquico e destruidor do movimento modernista paulista. Sendo assim, até mesmo os poucos escritores que seguiram o percurso até as propostas de revolução estética, promovidas pelos modernistas paulistas, como fizeram Godofredo Filho, Eurico Alves, Hélio Simões, Afrânio Coutinho, não abandonam a tradição, pois desejo de modernização e os modelos de imigração europeia que forneceram a base para movimento o movimento paulista não faziam parte do imaginário cultural baiano. Sendo assim, a Bahia buscou seu próprio caminho.

A produção de Godofredo Filho se configura pela dualidade expressa no desejo de conservar aspectos da tradição baiana e, ao mesmo tempo, tematizar as inovações que surgem nos embates iniciais do modernismo na Bahia. A renovação impressa em sua poesia reafirma que embora o poeta, assim como outros nomes desse período, não tenha se autodefinido pelo modernismo, ele possuía uma consciência de modernidade que se esboçava no seio da sua criação e reflexão literária.

Esta dualidade pode ser vislumbrada, neste estudo, através da temporalidade cruzada pelo eu lírico ao narrar as suas lembranças sobre a cidade de Feira de Santana. Ao invocar tanto o passado quanto as transformações ocorridas na paisagem urbana, o poeta une alguns aspectos culturais da tradição da sociedade feirense aos ícones modernos que se fazem presentes nessa nova paisagem. É este sentimento de conscientização sobre a nova realidade social e artística que fará de Godofredo Filho um dos precursores das ideias modernistas na Bahia.



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FONSECA, Aleilton. Mario Andrade: Trovador/domador da cidade. In: *Léguas & meias*. Feira de Santana, nº 1, 2001-2.

\_\_\_\_\_. O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento. In: *Rota & Imagens: Literatura e outras Viagens*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

GODOFREDO FILHO. *Irmã poesia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia, 1986.

GOMES, João Carlos Teixeira. *Camões contestador e outros ensaios*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1979.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: In: BRADBURY, Malcolm e McFARLANE, James. *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Sebatião Uchoa. A poesia e cidade. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidade*. Rio de Janeiro. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional da Cultura, n. 23, 1994.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *Meus brinquedos todos: Godofredo Filho e a narrativa histórica no Poema da Feira de Santana (1926)*. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300969387\\_ARQUIVO\\_I.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300969387_ARQUIVO_I.pdf)> Acesso em 22 jan 2012.

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Nove anos sem Godofredo Filho*. Disponível em: <<http://www.infocultural.com.br/edicoesanteriores/agosto01/poesias/poesia1.htm>> Acesso em 02 de jan de 2012.

OLIVIERI-GODET, Rita (org). *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

SANTOS, Mônica de Menezes. *As Bahias de Godofredo Filho*. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/MonicadeMenezesSantos.pdf>> Acesso em 02 de jan de 2012.

SEVCENKO, Nicolau. MetrÓpole: matriz da lírica moderna. In: PECHMAN, Robert Moses (Org). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.